

CARNAVAL - ANOS 60

DANÇA DE SÃO MATEUS (UMA MULHER CASADA SEM MIOLO E CABEÇA)

Maria Angelina de Sousa (*A Turlu*)

A Turlu nasceu a 5 de Novembro de 1907, na freguesia de S. Mateus. Filha de José Teixeira de Sousa é de Maria da Conceição Soares de Sousa.

Sabia ler e escrever.

Doméstica.

Foi doze vezes à América do Norte cantar a convite dos emigrantes portugueses ali radicados. Para o mesmo fim, deslocou-se também ao Canadá em 1965.

Maria Angelina, então viúva de Francisco Teixeira Borges, casou, em 1973, com o improvisador José de Sousa Brazil (O Charrua).

Actualmente reside na cidade de Toronto — Canadá.

A Turlu começou a dizer cantigas com a idade de sete anos. Porém, só se estreou a cantar aos 15 anos, na freguesia de S. Bartolomeu com o falecido improvisador — António Dias. A partir daí, cantou e tem vindo a cantar com o José Patrício, Tenrinho, Bravo, Charrua, Gaitada, Vital, Ferreirinha das Bicas e muitos outros.

Compôs imensos "enredos" para danças, entre os quais se destacam as seguintes : "O Filho Pródigo", "Santa Bárbara", "A Vida das Pobres Ciganas", "A Batalha da Salga", "A Sentença de Salomão", "A Independência de Portugal", "Dona Inês de Castro na Vida de D. Pedro", "Mulher Casada sem Miolo e Cabeça". Maria Angelina além de compôr "enredos" para danças, publicou pequenos opúsculos sobre vários casos passados na Ilha Terceira. Esta poetisa não só fez quadras como também compôs décimas, glosas, oitavas, quintilhas e sextilhas.

Esta cantadeira é dotada de uma intuição natural, que se reflecte na rusticidade e no realismo das suas expressões.

A Turlu é, sem favor, uma das mais talentosas improvisadoras do seu tempo. Ela soube dar aos seus versos uma harmonia deslumbrante, usando imagens límpidas e um invulgar poder expressivo, o que, aliado ao seu amor pela terra e pelo povo, tornaram-na a mais representativa intérprete da nossa poesia popular.

Este divino orvalho,
Que nos manda o Criador,
É a benção do trabalho
Do povo
trabalhador.

No entanto, muitas das suas quadras são também irónicas e maliciosas e outras, meras críticas de ocasião

Vendem pentes aos carecas;
Aos cegos, vendem lunetas;
Às velhas, vendem bonecas;
Aos malandros, picaretas.

A vida é coisa séria,
Ao mesmo tempo caipora,
Para quem vê a miséria
(A um cantador que não gostava de trabalhar).

Faleceu em 1987

Saudação ou Entrada - Mestre - 5 sextilhas - aabccd
Coro - 2 quadras - abab

Ratão - 14 falas - personagem e "mudança de cena". Fecha brejeiro (???????)

Saiu duas vezes, ambas por São Mateus.
Composta por 8 pares, Mestre e Ratão, e duas mulheres

“O assunto gente honrada
Aprecie quem conheça
É uma mulher casada
Sem miolo e cabeça”

Maria Angelina de Sousa
Turlu

O princípio da dança

O Mestre canta saudando o povo

Boas tardes flores lindas
Rosas cravos e benvindas
Malmequeres jasmims e lírios
Camélias e **assucenas**
Dálias palmas e martírios

CORO

Carnaval vens à folia
Visitar a humanidade
Tu serás sempre a alegria
Da velhice e mocidade

Nos dias de carnaval
Faz nos lembra uma dança
Chama todo o pessoal
Desde o velho à criança

Mestre

Louvo esta assembleia
O povo que nos rodeia
Desde o casado ao solteiro
Da criança ao ancião
Gosando a santa benção
Do nosso pai verdadeiro

CORO

Mestre

Tudo que no mundo existe
Desde o alegre ao mais triste
Desde o filho ao **entiado**
Desde o forte ao mais fraquinho
Desde o rico ao pobrezinho
Do patrão ao empregado

CORO

Mestre

Quero saudar o povo
Do mais velho ao mais novo
Nesta festa que se passa
Que a divina **providencia**
Derrame sobre a assistência
A sua **santissima** graça

CORO

Mestre

Louvo agora o carnaval

Esta festa sem igual
Que nos dá satisfação
Sorridente e divertida
Dá-nos alegria e vida
De todos a distração

CORO

Agora fazem uma passagem de dança e depois o mestre apresenta o assunto

Mestre

O assunto gente honrada
Aprecie quem conheça
É uma mulher casada
Sem miolo e cabeça

CORO

Na mulher honrada e séria
Que até vale uma cidade
Outras caem na miséria
Por sua livre vontade

A vida assim é composta
Não é tudo a eito
Há quem da vaidade gosta
Outros gostam do respeito

Agora o assunto segue

Japão diz à mulher chamada Eusébia

Oh minha Eusébia querida
Como tu para mim não há
Chegou a hora da partida
Tal pena tu ficares cá
Mas chega hoje o avião
E eu nesta ocasião
Parto para o Canada

Diz a Eusébia a chorar

Oh meu querido Japão
Meu marido meu jasmim
Já chegou a ocasião
Da papelada ter fim
Tu vais é só de visita
E Deus me dê essa dita
De não te esqueceres de mim

Diz o marido abraçando a mulher

Para **destrair** muito faço
Nesta hora da partida
Dá-me para cá um abraço
Da minha querida Eusébia querida,
Os momentos tiranos
Mas vou lá só uns dois anos
Para endireitar a vida

Diz a mulher abraçando o marido

Eu não me posso calar
Nesta hora de agonia
Fico para aqui a chorar
Sem a tua companhia

Diz o marido

Adeus Eusébia adorada
É chegada a ocasião
Tenho que seguir a jornada
Para apanhar o avião

Diz a mulher a chorar e com a mão no ar para dizer adeus ao marido

Meu Deus que hora amargosa
Que despedida rigorosa
Adeus meu querido Japão

Diz o Ratão ao povo

A Eusébia ficou a chorar
Fazendo o seu papel
O marido vai embarcar
E vai ser homem fiel
Mas com estas gritarias
Eu não lhe dou muito
Para ele subir a coronel

CORO

O Japão finge que embarcou mas só mudou de lugar. Ficou sempre na dança.

Diz um fulano chamado Tomé a outro chamado Lopes

O Japão já embarcou
Diz que foi para o Canada
A papelada **aranjou**
Em poucas horas fica lá
Isto vai dar que falar
Que a Eusébia vai ficar
Por **ai** ao Deus dará

Diz o Lopes ao Tomé

Somos da mesma matéria
Não vale a pena dizer asneiras
E a Eusébia é séria
Não fales dessa maneira

Diz o Tomé ao Lopes

Eu posso **por** na boca um rolho
Mas a Eusébia tem mau olho
Nunca foi muito certa

Diz o Lopes ao Tomé

Tu não sejas atrevido
Não estejas a agoniar
Que a pobre pelo marido
Está cansada de chorar

Diz o Tomé ao Lopes

Mas tu ainda vás ver
É enquanto não aparecer
Outro para o seu lugar

Diz o Lopes ao Tomé

Oh Tomé cala essa boca
E reza a São Diogo

Tens uma cabeça louca
Eu cá não vou nesse jogo
A Eusébia é honrada
Há tanta **lingua** malvada
Que era pegar-lhe fogo

Um fulano chamado Isidro diz ao Tomé

Ha tantas coisas no mundo
Que a graça de Deus cobre
O teu falar é imundo
Não podes ter pensar nobre
Tens esse **juízo** oco
O homem embarcou à pouco
E já **estas** a falar na pobre

Diz o Ratão ao Isidro

Eu cá sou de outra opinião
E o que digo não falho
Se não me queres dar razão
Não te dês a esse trabalho
E sabe lá se não sabias
Que as noites **vão muito** frias
Ela vai **precisar um** agasalho

CORO

Vai um fulano chamado **Maricio ao pé da Eusébia e diz-lhe**

Oh Eusébia teu marido
Já chegou ao Canada
Há mais tempo tivesse ido
E **deicha-lo** estar por lá
Sou o teu vizinho primeiro
Se **precisares algum** dinheiro
Sabes bem que eu estou cá

Diz a Eusébia ao Marício

O Japão há-de mandar
Mas ainda é cedinho
Primeiro o há-de ganhar
Não pode ser a caminho

Diz o Maurício à Eusébia

Tenho dinheiro à disposição
Quando tiveres precisão
É só mandares um recadinho

Diz a Eusébia ao Marício

Oh Maurício ouve-me primeiro
Eu quero me acautelar
Olha que eu não quero dinheiro
Que não o possa pagar

Diz o Maurício à Eusébia

Vê se tens juizinho
Hás-de me dar um beijinho
E não temos mais que falar

Diz a Eusébia muito contrafeita

Vê se tomas mais miolo
Não vês que eu sou casada
Maurício não sejas tolo
Pois antes não quero nada

Diz o Maurício a ela

Tu é que és tolinha
Vais ficado arranjadinha
E fica tudo pela calada

Diz a Eusébia

Mas se alguém o souber
A minha honra vai-se à vela
E então a tua mulher
Que é má como uma cadela

Diz o Maurício

Tudo se há-de fazer
E já o deves saber
Que não me importo com ela

Diz o Ratão ao povo

Oh Maurício é um vizinho
Que tem a carteira recheada
Eles vão fazer um arranjinho
Mas é muito pela calada
A Eusébia coitadinha
É uma bela gatinha
Mas vai ficar despachada,

CORO

Diz um fulano chamado Sampaio a outro chamado Diogo

Oh Diogo eu venho embaçado

E não esperava nada disso

Venho agora do serrado

Fui fazer lá um serviço

E vi a Eusébia do Japão

Encostada a um portão

A dar beijos no **Mauricio**

Diz o Diogo ao Sampaio

Pois o marido embarcou
Para endireitar a vida
Ela bastante chorou
Na hora da despedida
E agora esta a pôr
O marido imperador
Aquela grande atrevida

Um fulano chamado Juca diz a eles

Mas o marido vai saber
Em breve no Canada
Porque eu vou mandar dizer
A um irmão que tenho lá
Para ele ganhar dinheiro
Naquele país estrangeiro
E não mandar nenhum para cá

Diz um fulano chamado Mateus ao Juca

Aquela ave da rapina
Está fazendo este serviço
Eu cá vou dizer a Miquelina
A mulher desse Mauricio
Pois ela quando apanhar
É capaz de a matar
E dar-lhe cabo do toutiço

Diz o Diogo ao Mateus

Podes dizer à Miquelina
Que eu é que os apanhei
Vi essa acção repentina
E embaraçado fiquei

Diz o Mateus

A Eusébia do Japão
Vai levar uma afogação
Que até grita aqui d'El rei

Diz o Ratão

A senhora Miquelina
Já não a vejo à semanas
É uma mulher maligna
Contra as cabeças levianas
Oh Eusébia tem cautela
Porque ela salta a cima dela
E arranca-lhe as barbatanas

CORO

O Mateus vai ao pé da Miquelina e diz-lhe

Oh senhora Miquelina
Eu venho aqui embaçado

Há muita gente maligna
Neste mundo desgraçado
Olhai que o seu marido
Está sendo um atrevido

Diz a Miquelina ao Mateus

Oh Mateus diz-me o que é
Pela tua salvação
Já não me aguento em pé
Vai-me dar uma convulsão

Diz o Mateus à Miquelina

Foi apanhado o seu marido
Me **quiz** fazer tal partida
Tenho o **juizo** perdido
Não me importo com a vida
Já sigo o caminho
Vou-lhe partir o focinho
Àquela grande atrevida

Vai ao pé da Eusébia e **pucha-lhe pela gadelha e diz**

Tu dás-te com o meu marido
Mas vais levar que contar
Muito dele tens comido
Mas temos contas a ajustar
Corpo feito à matroca
Cheio da badalhoca
Vai-te lavar ao mar

Diz a Eusébia à Miquelina

Miquelina eu nada fiz
Não estejas assim tão **raivoza**

Continuando a puxar pela gadelha e a dar-lhe “chita”

Eu sangro-te esse nariz
Piolhenta enjuosa
Deus sabe o que vai por **ai**
Ninguém para ao pé de ti
Relaxada laporosa

O Ratão vai ao pé das duas e diz à Miquelina

Tu também és atrevida
Tens um génio bem mauzinho
Tens marido para toda a vida
E este é só para um bocadinho
O marido **seguiu** jornada
A pobre ficou encarrilhada
Precisa de um calorzinho

CORO**A Eusébia vai ter com o Mauricio**

Mauricio a tua mulher
Já sabe o que se passou
E quando o meu marido souber
Meu Deus o que é que eu sou
Ela vinha corrida da telha
Puchou-me pelas gadelhas
Olha só não me matou

Diz o Mauricio

Minha mulher pôs-te à rasa
Quem será que lhe foi dizer

Tu agora mete-te em casa
Que eu depois hei-de ir lá ter
E tu podes descansar
Que dinheiro não há-de faltar
Tu não tens nada a perder

A Miquelina apanha o marido a falar com a Eusébia e vai como uma gata assanhada e diz

Oh safada **escaloteira**
Estais aqui na minha mão
Estais pregando a marradeira
Àquele triste Japão

Vai dizendo isto mas vai ralhando com a outra e casca-lhe uma bofetada e o **Maurício puxa a Miquelina por um braço e ela diz ao marido muito zangada**

E tu não me estejas a puxar
Se não eu dou em disparatar
E fanco-te um bofetão

Diz o marido a ela

A sorte Deus a destina
Nesta vida passageira
Cala a boca Miquelina
Que isto é uma vergonha

Diz a Miquelina zangada ao marido

Cala-te **vrilha** cozida
Se te dais mais com esta atrevida
E a dou-te cabo da chaleira

Diz a Eusébia à Miquelina

Estais assim tanto zangada
Oh que malditos feitos
E eu só estou apaixonada
E as minhas lágrimas fazem rios

Diz a Miquelina muito brava

Retira-te da minha frente
Que eu meto-te um espeto quente
Que dás quatro assobios

Diz o Ratão às duas mulheres

Para que é esta revolução
Oh que estupidez em suma
Pois ambas vão ter quinhão
E o negocio se arruma
O homem vai ser dividido
Rachado bem ao comprido
Metade para cada uma

Diz o **Mauricio à sua mulher**

Deus te perdoe Miquelina
Tens um génio muito garrido
Olha ninguém imagina
O tanto que tenho sofrido
A desgraça morre à mingua
Por causa da tua **lingua**
A pobre fica sem marido

Diz-lhe a mulher zangada

Oh **grandecissimo** tratante
Ainda me falas nela
Se é para seres o seu amante
Trata de te ferrares à vela
Mas não levas um tostão
Retira-te grande cão
Vai cheirar no rabo à cadela

O **Mauricio diz à mulher**

De ti me vou separar
É um diabo ruim

O meu pertença me vai dar
E o resto fica assim

Diz-lhe a mulher zangada

A riqueza que aqui vai
É o soor do meu pai
Pertença-me toda a mim

Diz-lhe o marido zangado

Grandessíssima confiada
Corpo cheio de maudade
Então eu não tenho nada
Mas toca-me a mim metade
E agora já te digo
Que quando casei contigo
Foi para minha felicidade

Diz-lhe a mulher zangada

Meu pai é que me **deichou**
Esta riqueza tão bela
Dinheiro nenhum te dou
Querias encher o rabo a ela
Quando casaste comigo
Vieste como um mendigo
Só trazias a farpela

Diz o Ratão à Miquelina

Mulher cala-te para aí
Não deves ser esgalgada
Também queres é tudo para ti
Oh mas que grande esgalgada
E o pobre do teu marido
Vai com a bolça despejada

O **Mauricio diz ao amigo Sampaio**

Tenho uma grande paixão
Estou aqui feito num pó
Isto foi uma tentação
Eu da Eusébia tenho dó
Mas se eu deixar a mulher
Ela a riqueza toda quer
E eu fico pobre como Jó

Diz o Sampaio

Para aí eu sou mudo
Mas tinha de acontecer
E o marido já sabe tudo
Já lhe mandaram dizer
E aquela desgraçada
Fica para aí desprezada
Porque ele não a vai querer

Diz o Juca a eles

Ao **Mauricio** ao Sampaio
Vocês tem ideia oca
Até me dá um desmaio
De ver **inteligencia** pouca
Isto vai tudo no **balao**
Vocês sabem que o Japão
É porco de boa boca

Diz o Isidro ao Lopes

Eu por mim nunca pensei
Que a Eusébia fosse assim
Muito foi o que briguei
E viraram-se contra mim
O pobre do marido ausente
E ela imediatamente
Fez uma acção tão ruim

Diz o Lopes ao Isidro

Eu também iria por ela
E até **pateto** estou
Porque aquela cadela
Bastante me enganou
É bem maluca afinal
Que **portasse** logo mal
Mal o marido embarcou

Diz o Ratão a eles

Eu cá sei dar valor
A Eusébia coitadinha
Ela precisava de calor
Pois ficou **dormino** sozinha
Embarcou a sua companhia
E a pobre é que sabia
A necessidade que tinha

A Eusébia vai ter com o Mauricio e diz

Deixaste-me de me aparecer
Levaste uma retirada
Tu só vieste fazer
Com que eu fique uma desgraçada
Também foste atrevido
Oxalá o meu marido
Não tenha sabido nada

Diz o Mauricio à Eusébia

Olha eu não sou atrevido
Deus sabe a minha agonia
Já tinha feito sentido
De ir para a tua companhia
Mas é um grande castigo
Porque eu se for ter contigo
Levo a bolça vazia

Diz-lhe a Eusébia muito zangada

A minha honra manchei
E fico sem o meu Japão
Foi só o que eu ganhei
Em te dar aceitação

Diz-lhe o Mauricio

Se ele vier a saber
Tu tens de lhe escrever
A mandares pedir perdão

Diz a Eusébia muito brava ao Mauricio

Se eu te metesse uma navalha
Não era nenhuma asneira
Pois olha só um canalha
É que faz dessa maneira
Era pegar num machado
Com o gume bem afiado
E rachar-te a mioleira

Diz o Mauricio a ela

Tu hás-de ter paciência
E não seres tanto mázinha
Eu só fiz a minha diligência
Para apanhar a galinha
Não tiveste nenhum cuidado
Eu por mim não fui o culpado
De seres tão maluquinha

Diz o Ratão

Isto é que é falar à toa
E salve-se quem poder
A Eusébia não é vilhona
É uma bela mulher

E se alguma coisa deu
É por porque aquilo que é seu
Ela há-de dar a quem **quizer**

Diz o Diogo à Eusébia

Eusébia daqui por diante
Vê se tomas mais sentido
Se continuares **velante**
Então está tudo perdido
É verdade que mal fizeste
Mas diz-me lá se tiveste
Noticias do teu marido

Diz a Eusébia muito triste ao Diogo

De esperar já ando farta
Ai quem fosse ao Canada
Só me escreveu uma carta
Á sua chegada lá

Diz o Diogo à Eusébia

O pobre anda descontente
Porque já sabe certamente
O que fizeste por cá

Diz o Tomé à Eusébia

Podias ter feito sorte
E fazeres maravilhas
Precisavas era a morte
És das mulheres mais atrevidas
Foste uma grande atrevida
Ele foi endireitar a vida
E tu pregaste as bandarilhas

A Eusébia vai muito triste ao meio da dança e diz

Meu marido está no Canada
E eu cá a sofrer tanto zum zum
Se estivesse comigo cá
Eu **gosava** a paz comum

Diz o Juca à Eusébia

Ele foi para lá penar
E tu **ficas-te** a gozar
Com **os homem sa** cada tem

Diz o Sampaio ao Isidro

Ela o mau passo **quiz** dar
Isso nunca mais esquece
Quando o marido voltar
Será o que acontece

Diz o Isidro

Ele pega-me pelo cartucho
Dá-lhe um pontapé no bucho
E a Eusébia desaparece

Diz o Ração

Diabo tanto falar
Da vida de cada um
Se eles se soubessem calar
Ficava tudo em comum
Tanta coisa, tanta coisa
Só por causa de uma coisa
Que não tem valor nenhum

CORO

Vem agora um rapazinho vestido de carteiro e entrega uma carta à Eusébia. A carta é do **marido, pode ser um **rapazinho fora** da dança ou pode ser um dos dançarinos que não dançaram ainda o carteiro de trazer uma mala **trasada** e diz**

Senhora Eusébia Japão

Uma cartinha aqui está
Canada do Capelão
Numero 74 A
Já estive a deitar sentido
Concerteza é do seu marido
Ele vem do Canada

A Eusébia tira a carta do envelope dá a ler muito de ??? e um berreiro a chorar, ... a carta

Oh safada sem vergonha
O que é que **estas** fazendo aí
Tenho-te uma **rávia** medonha
Como igual nunca senti
Desavergonhada atrevida
Eu dava cabe da vida
Se estivesse ao pé de ti
Sei tudo quanto se passou
Depois da partida minha
E o Diabo não te levou
Minha desavergonhadazinha
Era pegar-te um rastilho
E cortar-te o gargamilho
Como se faz a uma galinha
Por mim não te quero mais
Sou honrado e tenho orgulho
Não vale a pena dar ais
Nem fazer nenhum barulho
Minha querida Janota
Antes te metas numa grota
Que tenha falta de entulho
Andas por todos os cantos
A pintares por aí
E **fizes-te** grandes prantos
Quando embarquei para aqui
Foi uma grande gritaria
Certamente no outro dia
Fizeste menos **chichi**
Devia-te dar uma afogação
Que gritasses aqued'el-rei
Antes de entrar para o avião
No dia em que embarquei
Tinha tido ideia esperta
Para me livrar desta oferta
Do demónio que falei
Agora vou terminar
Sobre ti **venta** um castigo
Contigo não quero sonhar
Sou o teu maior inimigo
E vou fechar esta carta
Vai para o raio que te parta
E não sonhes mais comigo

Ela lê a carta sempre a chorar mas lê alto e pauzado para toda a gente ouvir. O ratão vê ela a chorar e vai ao pé dela e diz

Para que estas a chorar
Isto até não tem resposta
Sou homem para te amparar
Diz-me lá se de mim gostas
Eu ganho uma boa fêria
Não te vai faltar miséria
Nem lenha em cima das costas

CORO

Ela vai ao meio da dança dá um passeio com as mãos à cabeça e a chorar vai dizendo

Fico para aqui desgraçada
Sou uma pobre infeliz
E de todos desprezada
Porque a sorte assim o quiz
Tome o exemplo quem quizer
Não há nenhuma mulher
Que faça o que eu fiz

E torna a dizer pondo as mãos ao céu

Oh meu Deus dai-me perdão
A esta falta cometida
Dai-me a vossa benção
E a vossa mãe querida
Para aliviar os meus ais
Vou acabar com a vida

Torna a dizer

Perdoai-me pai do céu
Eu estou morrendo em mena
Perdoai ao maior réu
A vossa graça não condena
Levai-me para o poder celeste
E dai-me o perdão que deste
A Maria Madalena

Vai o Lopes ao pé dela muito comovido e diz

Eusébia cala a boca
E deixa-te de chorar
A tua sorte foi pouca
Mas tu tinhas de a passar
E não penses mais na morte
Que ainda podes ter sorte
Deus há-de-te auxiliar

O Ratão vai ao pé dela pega-lhe num braço e diz

Eusébia eu já te disse
Que morro e acabo por ti
Sinto uma grande doidice
Como igual nunca senti

Ela vai para o lado dele e diz

À tristeza vou dar fim
E se o tio gosta de mim
Eu estou pronta a ir consigo

O Ratão dá um abraço nela e vem com o braço dado com ela ao meio da dança e diz ao povo

Eu sou um homem solteirão
Mas sempre fui homem de linha
E em muita ocasião
Cheguei a passar fominha
Mas agora se Deus quiser
Já arranjei uma mulher
Para me fazer uma açordinha

CORO

Fim do enredo

O mestre canta

Oh pobre multidão minha
Está a história terminada
E a Eusébia coitadinha
Sempre ficou amparada

CORO

Agora as cantigas de despedida

Está a dança terminada
Oh multidão delicada
Perdoai nossa lembrança
A despedida apresento
Desculpai-nos cem por cento
Se não gostarem da dança

CORO

Adeus magnificas flores
Adeus rosas e benvindas
Adeus cravos e amores
Adeus raparigas lindas

Adeus solteiros, adeus casados
Adeus velhos e velhinhas
Adeus jovens namoradas
Adeus belas criançinhas

CORO

São graças do carnaval
Para alegrar o pessoal
Que vem para ouvir e ver
Cantigas soltas ao vento
Sem um **único** pensamento
De vir aqui ofender

CORO

Mestre

Muito obrigado
Pelo **silêncio** prestado
E toda a vossa atenção
E nesta hora presente
Eu vou gravar toda a gente
Dentro do meu coração

Adeus, adeus belo povo
Pequeno velho e novo
Que vieram assistir
Está bastante de maçada
Nobre multidão prezada
São horas, vamos seguir

Mestre

Vou fazer ponto final
Delicado pessoal
Esta é a ultima cantiga
Adeus, multidão amiga
Até ao ano que vem

Fim

Casa da Cultura da Terceira
Processado em computador por Jorge Borges, a partir do documento existente na
Colecção JNB.
Angra do Heroísmo, Julho de 2001.